



Sociedade das Ciências Antigas

CARDO

POR BARUK CRUZ

Era o ano de 1156 d.C., o rei de Jerusalem era o sempre infante Balduino III que havia deposto sua mãe Melisende, os Cristãos dominavam a Cidade Santa por mais de meio século e somente mais um século a frente se fariam reis na terra onde há somente um Rei e Senhor.

Henry Rimel respirou fundo e segurou o ar em seus pulmões mais uma vez, em cima do seu cavalo. Abriu os olhos e a paisagem árida a sua frente refletia uma luz que lhe parecia irreal. Lembrou do verde de suas terras, toda colorida e perfumada pelas arvores em flores na primavera e toda branca pela neve no inverno.

Repetiu a respiração profunda e lenta mais uma vez e sentiu a sua volta o silêncio, somente perfurado pelos cascos dos cavalos em sua marcha lenta e continua monte acima.

Sua missão era simples, mas, como todas no caminho da Cidade Santa, perigosa.

Ainda lembrava-se do hálito de seu Grão Mestre cheirando a leite de amêndoa, ao lhe dizer: - Irmão amado, debes guiar e proteger uma caravana especial à Cidade Santa. Em meio aos monges, nobres, artesãos e pessoas do povo há dez donzelas que irão prestar homenagem ao verdadeiro Rei de Jerusalém. Deves protegê-las com sua vida se necessário for, pois elas são como ouro aos olhos do Rei.

Ele era um cavaleiro experiente, mas novo aos seus votos ao templo. Tinha sentido o peso da espada em seu ombro e escutado seu juramento queimado apenas alguns meses atrás e já recebia uma missão especial. Era uma prova da vida e ao mesmo tempo uma honra.

Apesar de ser Francês havia sido iniciado no reino de Aragão próximo da fronteira com Castela nas terras de Espanha em uma torre muito alta e de bela arquitetura, que fazia parte de um castelo construído sobre um monte, que no futuro se tornaria um mosteiro e igreja muito visitados. A sala era muito bem decorada, mas simples e com sacadas nas quais se enxergavam o horizonte e aberturas no teto para se verem o céu e as estrelas.

O proprietário, era conhecido como Señor Juan, Cavaleiro Justo e Misericordioso. Ele praticamente morava na torre do castelo e seu povo sempre podia contar com seu senso de justiça e seu coração enorme. Foi ele quem lhe abençoou, abraçou e recebeu aos pés do altar que revalidava sua aliança com Deus.

Henry Rimel vivera uma vida desregrada e luxuriosa baseada em uma nobreza e riqueza falsas herdadas de outros que viveram antes dele. Os votos de Pobreza, Obediência e Castidade que lhes foram exigidos e que lhes jurou por sua honra eram extremamente difíceis de suportar interiormente e ainda mais no dia a dia da sua corte.

Resolveu partir. A providência “ajudou”.

Seu Grão Mestre sabia de tudo isso. Vira suas fraquezas no céu estrelado da torre, sabia também de seu coração grande, a fé em Jesus Cristo e o evangelho de São João que não lhe saía do alcance.

Pouco antes de partir, como irmão, veio ao seu encontro e disse-lhe – Irmão amado, o caminho que vais percorrer, eu já o cavalguei, mesmo assim seu caminho será diferente do meu. Os perigos que enfrentei neste caminho são os mesmos, da mesma forma que os seus me seriam totalmente estranhos.

Para que possa guiar com sucesso a caravana peregrina lhe cederei meus cavaleiros mais experientes e cada um deles lhe será útil em determinada parte da jornada, pois cada um deles é perito em uma arte desta guerra e são muito bons nas outras também.

- Também lhe acompanharão meus conselheiros reais:

Gentil, o pai, és um excelente estrategista e sua maior virtude, não a única, é a prudência em todos os atos em meio a uma situação de perigo ou não. Por isso sois chamado de sábio do silêncio pois, quando em paz estás dentro de ti mesmo e quando em perigo sabes escutar os ventos e os corações e assim escolher o melhor caminho e em quem confiar a tua vida.

Joanne a Justa, é uma dama que tem o direito de usar a espada, ela vive entre as colunas do coração e da lei de Deus e está sempre pronta para perdoar e sempre alerta para lutar caso o equilíbrio eterno seja ameaçado.

Marie a Virgem, não se engane com a aparente fragilidade desta donzela, de todas é a mais forte. É a própria fortaleza para os momentos em que fraquejar. Conta a lenda que atacada por um leão o dominou com facilidade e segurou sua boca com as próprias mãos morenas e delicadas.

Angelique de Dieu, tem este nome pois como anjo nos protege da ira divina, nos defende do príncipe deste mundo, guarda nossa memória das vidas passadas, com suas asas ao mesmo tempo que nos ajuda ensinando como não provoca-la mais inspirando a alma a trazer do céus à terra um pedaço do paraíso nas simples escolhas do dia a dia.

As vezes Henry percorria a longa fila em sentido contrário inspecionando as provisões, os enfermos, as posições de defesa na retaguarda e é claro como estava o conforto da viagem das dez donzelas.

Colocou sua pequena filha, Anne Marie, junto com elas assim que dera inicio a romaria, o que achou sábio, pois sua filha, apesar de não ser pura, refletia tudo de bom que ele já havia sido, poderia aprender com elas na viagem e no mais confiava nela como em si mesmo.

Também outros dois de seus filhos lhe acompanhavam nesta jornada, Pierre, cavaleiro que era sua cópia viva e o qual ele não sabia o que era maior: seu orgulho por ele ou o orgulho que ele sentia de si próprio. Henry as vezes achava que o filho zombava de Deus pois não poderia haver algo maior no mundo que seu ego.

Seu outro filho Alphonse era monge cavaleiro hospitalário e seguia com seus irmãos logo atrás dos cavaleiros pobres. Ele era todo religiosidade e caridade.

Henry amava a todos seus filhos e nunca estava com todos juntos ao mesmo tempo, então sentia que os amava de forma diferente por suas naturezas e a cada tempo que a eles se dedicava. A cada um, amor e de cada um, outro sentimento.

Percorrendo mais uma vez a longa serpente de homens, cavalos e camelos, que se arrastava no deserto, para averiguar o andamento, percebeu em meio ao grupo um cavaleiro de vestimenta rica, em manto negro sem nada nele que identificasse sua procedência e encapuzado, montado em um cavalo negro que lhe aumentava o mistério.

Podia ser alguém que seu grão mestre ou alguém da ordem que foi enviado como informante de como seguia a missão ou quem sabe alguém do Rei, pensando melhor descartou estas fracas hipóteses.

Foi quando ouviu os silvos dos batedores à frente, virou seu cavalo e tomou-lhes a direção. A informação era de que um grupo pequeno e bem armado de salteadores estavam atacando um grupo de peregrinos sem muita proteção a oeste, um pouco mais a frente.

Logo se formou uma comissão de cavaleiros e decidiram junto com ele formar dois grupos e enquanto um lhes atacava diretamente outro iria pelo flanco.

Chamou os monges cavaleiros e os designou a tomar conta da caravana enquanto não voltassem.

A experiência dos cavaleiros no ataque fez com que subjugassem os homens rapidamente e os que sobreviveram estavam de mãos amarradas e de joelhos em fila um ao lado do outro.

O líder peregrino veio ao seu encontro gritando e reclamando que eles mataram seus poucos cavaleiros que protegiam a caravana e queria que todos fossem passados ao fio da espada, pois não teria como seguir viagem à terra santa.

Sem muito pensar chamou seus cavaleiros e pediu-lhes que cada um deles se postasse atrás de um prisioneiro com suas espadas.

Ao som dos gritos em uma língua que lhe era estranha, mas de provável misericórdia, Gentil se aproximou com seu cavalo e pediu a Henry uma conversa em particular e lhe advertiu em voz grave:

- Senhor, olhe estes cavaleiros ajoelhados. Olhe suas vestimentas. Não parecem ser simples bandidos. Senhor, a tentação nos cega com seus gritos que dentro de nós ecoam como se fosse verdade e reclamam a vida de suas testemunhas que lutam contra ela. Nós a achamos sutil por que estamos torpes, caso contrário nossos ouvidos doeriam com tal grosseria e nossos sentidos nos colocariam em alerta máximo contra tal inimigo.

Era verdade. Agora que a areia tinha assentado e o pouco vento os limpava percebeu que suas roupas eram ricas em bordados e símbolos.

E Gentil havia percorrido a área, tinha observado algo muito mais estranho e lhe confidenciou:

- Senhor a Prudência sempre pede para se averiguar de onde vem aqueles de que se tratam a colocar nossas almas em perigo no momento. Olhe o rastro antes da batalha. Esta caravana não estava indo a Cidade Santa.

Novamente Gentil estava certo. Pela posição do sol, eles estavam vindo de algum lugar mais ao sudeste e não indo como se pensou inicialmente.

Henry não se conforma de ter sido enganado, e como louco, grita aos seus cavaleiros, que de prontidão desembainham as espadas e cercam os líderes da caravana enquanto ele puxa as rédeas de

seu cavalo com violência de um lado para o outro mudando a direção do animal como se fosse um felino na jaula.

Pede para que coloquem o líder, sua mulher e filhos, de joelhos para que sejam decapitados, desce do cavalo e anda furioso de encontro ao homem que chora contra a terra seca, saca sua espada e a levanta preparando o golpe mortal, quando a desce com todo seu peso sua lamina encontra outra. Ele levanta a cabeça com o olhar incrédulo, diminui a sua força ao encontrar os olhos mais doces que poderia ter visto.

Joanne deixa sua espada cair ao lado do corpo e diz:

- Irmão amado, o homem nasce julgando, pois julgar é pensar escolhas e isto é essencial a sua sobrevivência mas, há duas balanças dentro dele. Uma é a que compara os pesos de si mesmo e sua relação com a natureza e a irmã Angelique poderá depois te mostrar esta balança.

Joanne então ficou ereta parecendo muito maior que todos que assistiam, e continuou - A outra é a que compara os pesos de si mesmo com as outras almas. É a consciência e seus dois pratos. Os pratos da Justiça. E ao homem não é dado nenhum outro poder em relação aos seus irmãos, a Justiça no homem julga mas *nunca condena* pois *seu fim é a Paz*.

Ele ameaçou falar, mas ela o interrompeu com autoridade - Os que tem fome e sede de Justiça serão saciados de Paz e não da satisfação de um equilíbrio universal pois este ultimo é o motivo da minha existência.

Henry desmoronou. Pensou no que esteve a ponto de fazer e se ajoelhou se apoiando em sua espada como uma cruz.

Enquanto isso seus cavaleiros interrogaram os lideres e suas famílias e descobriram que eles carregavam uma carga especial, mas ainda não tinham entendido de qual natureza era esta carga.

Henry chamou os monges do Hospital para cuidar dos feridos e enfermos e foi seu filho Alphonse, que veio com eles, que encontrou amarrado atrás de um cavalo e envolto em tecidos imundos, um cavaleiro ferido de morte com uma vestimenta igual a dos atacantes da caravana.

Estes agora livres das amarras se levantavam e alguns deles se aproximaram do ferido e gritavam, choravam e pediam aos céus por algum milagre. Outro, com um símbolo diferente em sua capa se aproximou de Henry e lhe disse em sua língua carregada de sotaque:

- Irmão, meu nome é Kalil e nós somos de *Salkhad*, cidade que fica mais ao leste entre Damasco e Jerusalem e pertencemos a irmandade *El IsIrah* e nada mais fazemos do que procurar a paz e o amor em recolhimento dentro de nosso templo sagrado, na nossa pequena cidade de *Salkhad* e que em nada se compara com a Cidade Santa. Nestes dias em que se anunciam o fim do mundo nos foi dado um homem que nos tem guiado por entre tantos povos em guerra pedindo somente que oremos e distribuamos nosso amor no trabalho.

Seu nome é Al Hallaj, que significa, Eu Sou a Verdade. Ele foi capturado por estes disfarçados em peregrinos para ser sacrificado em nome da escuridão e na batalha lhe feriram de morte e o levaram para mostrar aos seus senhores e nós os perseguimos.

Os lideres mentirosos e seus poucos cavaleiros foram amarrados e agrupados para se ter guarda. Os três grupos, a caravana de Henry, os homens de *Salkhad* e os falsos peregrinos, então começaram a se misturar.

Sua filha que havia saído da companhia das donzelas ao escutar o alto lamento dos homens em torno de Al Hallaj se aproximou deles e pediu para verificar o ferimento. Abriu um pedaço da roupa ensopada de sangue e o corte infeccionado lhe atingiu como um golpe.

Ele ia morrer sem duvida. Ela se consternou, se ajoelhou e chorou a Deus pedindo por aquela vida e aquela alma.

Sua dor autentica de criança nem lhe deixou perceber o barulho e arruaço de pessoas e animais se deslocando, gritando, blasfemando e caindo ao passar entre elas o grande cavalo negro até parar ao seu lado.

Henry percebeu o movimento do cavaleiro e movimentou-se em sua direção para interroga-lo, porém uma força não lhe permitiu fazer nada a não ser assistir a cena.

- Anne minha filha, levante-se. Eu sou Phillipe e tive um sonho que me mandava seguir esta caravana até que pudesse salvar a Verdade da morte certa e que esta era minha única missão. Permitam-me cuidar de Al Hallaj.

Deitaram o homem já branco azulado em uma maca elevada e Phillipe tirou-lhe a túnica suja, alcançou de seu alforje um frasco, que abriu de uma pequena rolha dourada, empapuçou um linho branco com o liquido e limpou-lhe os ferimentos. Depois, de um pequenino vidro colocou na ponta de seus dedos médio, indicador e polegar juntos como um a pequena concha, um pó dourado e fez uma cruz sobre o ferimento, então verteu mais do liquido, retirou da bolsa uma agulha e pediu para esquentá-la no fogo até ficar vermelha e com um fio de pele de algum animal costurou o ferimento com se fosse sua roupa.

Pediu aos monges que lhe dessem muita agua e um caldo quente a base de carne de cordeiro salgada então se ajoelhou e agradeceu ao Senhor por mais uma vez ouvi-lo.

Levantou-se e beijou a testa do ferido dizendo:

- Obrigado meu Senhor Al Hallaj por permitir ser eu o instrumento divino de sua vida continuar na terra.

Al Hallaj que não podia falar lhe pediu em gestos que ele se inclinasse e lhe soprou três vezes na testa.

Estavam vivos.

Henry e todos com ele ficaram como que hipnotizados diante do milagre às portas da morte.

O cavaleiro então foi ao encontro de Henry e lhe desejou:

- Ao irmão e todos com ele saúde, paz e união em sua jornada. Eu não fiz nada, apenas segui o que Deus me mandou fazer e pedi que me ajudasse a cumprir o que Ele mesmo ordenou. Os que se encontram no caminho certo da Cidade Santa encontraram cedo ou tarde o Monte Santo e verão milagre maior do que este.

Fez o sinal da cruz, virou o corcel negro e tomou o caminho de volta a sua terra.

Henry agora tinha duas caravanas juntas, já que não podia deixar os falsos peregrinos voltarem sem proteção, e pensou como a vida coloca nas nossas mãos outras vidas ainda que contra a nossa vontade.

Ordenou que montassem sete tendas para abrigar a todos, ele ia levar também os falsos peregrinos para a Cidade Santa assim poderiam pedir perdão por seus atos.

Al Hallaj precisava de tempo para se recuperar e viajar e ele precisava de tempo para planejar novamente o resto da viagem.

Após três dias Al Hallaj lhe chamou em sua tenda. Ao entrar, Henry quase não o reconheceu, ele estava completamente curado, tinha recuperado a cor, lavado o corpo e trocado de roupa. Agora exalava cheiro de rosas e sua barba negra estava amparada e penteada.

Em voz alta e clara chamou Kalil que prontamente apareceu. Então começou a falar vagarosamente e Kalil ia traduzindo com seu sotaque carregado.

- Caro Irmão na Verdade, obrigado por ter escutado seus conselheiros, e repensado suas ações e assim, permitir que eu vivesse para o meu povo até quando o Senhor de todos nós me levar para junto Dele. - Sua voz era tão clara, que quase não precisava escutar a tradução de Kalil.

- Agradecemos todos a Providência Divina por nos permitir agir conforme a vontade de Deus.- respondeu Henry ainda sob efeito daquela voz límpida. – Sua pequena caravana vai precisar de provisões e alguma proteção para chegar a sua cidade. Joanne e alguns de meus cavaleiros lhe acompanharão e os reencontrarei na Cidade Santa se esta for a vontade do Senhor.-

- Obrigado por mais isso Irmão na Verdade. Em troca lhe darei este presente. – Era um diamante como nunca tinha visto outro igual, engastado em uma coroa encabeçando um anel de ouro polido. - Sempre use este anel, o diamante é a Verdade e o ouro é o Amor. Mostre-o quando precisar da verdade e do amor e a verdade se fará presente e seu coração se aquecerá como fogo.

- Fique no Amor de Deus caro Irmão. - disse Henry colocando o anel.

- Fique na Verdade de Deus caro Irmão – foram suas últimas palavras e Henry se retirou.

Assim que os cavaleiros de El Israh partiram deu ordens aos seus para descerem as tendas e reiniciar a viagem. Sentia-se muito bem disposto e feliz consigo mesmo.

Agora seu filho Pierre lhe fazia companhia ao lado e estranhamente Angelique de Dieu se juntou a eles. Sempre que olhava para ela parecia ver asas para os lados e para cima.

Caminharam dias e dias, subiram montes e os desceram, montaram e desmontaram as tendas, ele sempre procurando tomar as decisões justas e equilibradas, com a ajuda de Angelique, nunca a mais e nem a menos, sendo sim e não, e nada mais que isso, como no evangelho.

A presença dela fazia como se ele se sentisse sempre em estado de oração mesmo no trabalho árduo de gerenciar o dia a dia da viagem.

Um dia ela lhe disse - Estas são as asas que às vezes enxerga em mim. As asas de Marta e Maria, ora e trabalha constantemente e seus corpos não cessarão mais de fazer isso mesmo quando estiver dormindo. E quando tiver um problema para resolver ou uma situação para decidir lembre destas asas e eu lhe trarei a inspiração divina para ajudar na solução ou decisão.

Também Gentil estava sempre com ele quando tinham que pensar as possibilidades do caminho a se tomar – O melhor caminho, meu senhor, não é o caminho reto e sem pedras e sim o caminho que se possa aprender com as pedras e suas características, tamanho, formato, dureza, etc. e assim evita-las ou usa-las a nosso favor e é sobre os montes que vemos o horizonte do nosso futuro e estamos mais perto de Deus. - Lhe ensinava no meio do caminho.

Outra vez disse – Nesta guerra, travada dentro de nós mesmos, quando conhecemos o terreno é que precisamos tomar mais atenção para não cair e todos os dias antes de dormir, devemos afiar nossa espada para o próximo dia.

A jornada continuou na velocidade que todas aquelas almas juntas permitiam alcançar e as dez donzelas no interior da caravana faziam a viagem na melhor maneira possível pelos montes, vales e a beira do mar e também por terrenos pedregosos, duros e secos.

Após seis meses da sua saída a caravana chegou ao cimo de um monte que dava para se avistar o horizonte até a visão se tornar borrão e resolveram montar as tendas, não faltava muito para chegar a Cidade Santa. A noite Henry pediu que em todas as tendas se fizesse uma oração de agradecimento antes e após a ceia.

No nascer do sol se preparavam para sair quando as sentinelas deram o alerta. Os cavaleiros se reuniram mais acima no monte e puderam avistar nas areias abaixo um exercito de grande tamanho enfileirado lado a lado cobrindo o horizonte e um enorme numero de fileiras por de trás a ponto de deixar apreensivo o mais destemível cavaleiro pois começaria a achar que este seria o glorioso dia de voltar para Deus.

Procurou por Gentil, mas quem estava ao seu lado era seu filho Pierre e Marie a Virgem que lhe disse:

- Se enfrenta-los em guerra será destruído, os ataques não cessarão até lhe atingir em algum ponto fraco.

Seu filho objetou – Senhor, somos melhores e mais bem preparados cavaleiros e se vencermos chegaremos na Cidade Santa como heróis e esta batalha será contada por gerações e gerações.

Sem saber o que decidir, procurou mais uma vez por Gentil e Joanne e não os encontrou.

Marie voltou a falar desta vez com mais autoridade – Senhor neste mundo caído, a força que polemiza, cria guerras e discórdia, está presente em nosso ser animal, enfrenta-la com a mesma arma em muito menor numero em seu próprio território é como a gazela enfrentar o leão. Precisamos da união com a força do alto e usar seus exércitos que com certeza usarão da cooperação com a força de baixo e assim penetrar na fortaleza mais poderosa e sólida.

Pierre visivelmente nervoso cochichou no ouvido do pai – Senhor envia os cavaleiros que lhe foram cedidos para a batalha e quando eles forem vencidos estenda sua bandeira e peça negociação, assim não parecerá ter sido covarde ou fraco aos olhos do inimigo.

- Senhor na negociação pode ser que até saia com vida, mas de nenhuma forma eles deixarão de levar todas as mulheres, inclusive sua filha e as santas donzelas do Rei; Marie que tinha escutado perfeitamente apelou ao iniciado.

Pierre ameaçou contrapor, mas Henry foi decisivo como um chicote – Cala tua boca meu filho e vai até os monges chamar teu irmão Alphonse e mande um mensageiro com um pedido de paz. - Marie lhe sorriu e sua pureza chegava a lhe doer o coração.

Quando Alphonse se aproximou pediu lhe que preparasse uma comitiva de cavaleiros monges sobre o estandarte da Cruz, - com Joanne carregando a bandeira da Paz e Marie a frente comigo, descereemos todos para conversar com o líder deles.

Antes de descer, puxou Marie de lado e disse – Marie eu tenho que lutar e vencer este obstáculo senão como chegarei ao Monte Sagrado?

Marie ainda sorrindo lhe disse – Eu não lhe disse para não lutar, apenas lhe disse para não lutar no território deles e sem ajuda dos céus. Eu sou a força e estarei ao seu lado. E além do mais ***nós estamos sobre o Monte Sagrado.***

Eis o que lhes dirá: - e lhe estendeu um pergaminho virgem escrito com o que dizer, em formato de círculo com uma cruz em seu centro e nomes divinos em sua volta.

Começaram então a descida do Monte da Aliança e sentiram os soldados do outro lado se colocarem em alerta e se prepararem.

Henry tropeçou em umas pedras e de repente, como se sempre estiveram ali somente esperando este tropeço, cinco soldados inimigos empunhavam lanças para o corpo de Henry que caía sobre eles.

Ele estaria morto se não fosse por Angelique que pareceu ter voado e lhe segurou enquanto seus monges cavaleiros a comando de Gentil matavam o inimigo.

Ao chegar mais perto viram que haviam erguido uma tenda para negociar a rendição e seu líder ali já os esperava.

A pequena comitiva comparada ao exército a sua frente parou e apenas Henry e Marie continuaram e ao entrar na tenda o líder foi logo se impondo – Eu sou o grande T'Sal Balli e esta mulher não pode entrar nesta tenda.

Henry também falou com autoridade – Eu sou Henry Rimel a caminho da Verdade e esta mulher é minha conselheira e como viemos em paz ela entrará ao meu lado.

T'Sal Balli chamou então seus secretários e abriu os documentos sobre a mesa. Nele Henry lhe deixaria todos os cavalos e animais, todas as mulheres e crianças, e todos os jovens fortes. Todos seriam vendidos como escravos, ele partiria com vida e com a companhia de seus cavaleiros mais velhos.

Henry então usou a palavra e esta saiu de sua garganta como nunca antes (o Verbo se fez carne e habita em nós):

- Senhor T'Sal Balli, estou aqui apenas cumprindo a vontade do Criador e procuro somente a paz. Deixaremos que todo o seu exercito saia com vida e retorne ao seu reino se não for obstáculo para que possamos chegar a Cidade Santa.

T'Sal riu alto – Caso contrário o que nos acontecerá? – e todos riram com ele.

- Caso contrário pronunciarei sete nomes divinos de Nosso Senhor e seu efeito será terrível sobre seu exercito.

T'Sal totalmente incrédulo estava achando aquilo divertido - Pois então que os pronuncie e depois eu mesmo te matarei.

Henry pegou seu pergaminho e invocou a força de Deus em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo:

- Eu Sou a Verdadeira Videira.

Desceu do Céu uma miríade de anjos com espadas de luz e milhares de soldados inimigos então se ajoelharam suplicando a Deus o perdão de suas faltas em meio a muita luz e a areia que o vento levantava enquanto os anjos os rodeavam.

- Eu Sou o Caminho a Verdade e a Vida.

Os anjos agora apontavam suas espadas para o chão e delas saiam fogo que queimavam o solo marcando o caminho para a Cidade Santa. Atrás do exército inimigo uma grande tempestade de areia se formou. Muitos homens apavorados largavam suas espadas e arcos e não sabiam para onde fugir.

- Eu Sou a Porta das Ovelhas – O chão agora tremia e a terra se abria engolindo um homem após o outro como se cobrasse deles o seu alimento. E alguns nem mais tentavam fugir, apenas se ajoelhavam e gritavam implorando misericórdia.

O sorriso do rosto de T'Sal sumira e a cor da sua pele foi se tornando opaca e sua textura rachada como se ele fosse muito mais velho do que aparentasse.

- Eu sou o Pão da Vida . Henry continuou.

Dos anjos, um lindo Querubim pairou sobre o exército inimigo e com sua espada foi ao norte, ao oeste, ao sul e a leste fazendo o sinal da cruz. Os inimigos então começaram a sentir fome e sede, como se estivessem no deserto sem nada por dias e dias, e se contorciam e muitos caíam por terra de fraqueza apertando suas barrigas e em vão jogando agua de seus cantis na boca cada vez mais seca.

- Eu sou o Bom Pastor – Um voz veio do céu como um trovão e todos os inimigos colocaram suas mãos sobre as cabeças sofrendo uma dor terrível e de seus ouvidos saia sangue e silencio.

T'Sal não queria morrer e em uma ultima tentativa ordenou aos que ainda se mantinham armados que atacassem a comitiva mas Henry nem os escutava mais e disse:

- Eu Sou a Luz do Mundo – Os guerreiros das trevas agora experimentavam de seu próprio veneno, todos ficaram cegos inclusive os secretários de T'Sal na tenda.

Henry levantou o pergaminho aos céus como se fosse uma hóstia e pediu que Deus tivesse compaixão de todos e em seguida invocou o ultimo nome:

- Eu Sou a Ressurreição e a Vida – Os corpos dos santos, iluminados e justos de Deus saíam da terra e suas centelhas divinas de todos os tempos desciam em espiral em um espetáculo de luz, cor e movimento. O inimigo estava paralisado e nem mesmo T'Sal conseguia se mover como se estivesse em adoração diante do amor e verdade que vinha do céu.

As centelhas se uniram aos corpos e cada corpo agora vivo como sempre esteve atacou um inimigo e todos foram mortos.

Apenas T'Sal estava vivo. E tentou atacar Henry que voltava a si depois de tamanho esforço ritual, Marie avançou e pulou sobre ele o derrubando e pisando com toda sua força, esmagou sua cabeça.

Batalha vencida Henry a chamou, mas ela não veio ao seu encontro.

- Aqui termina o que podia fazer por ti meu Senhor e não precisará mais de mim para chegar a Cidade Santa.

Todos desceram o monte sagrado e agora a caravana tomava novamente seu caminho para a Vida.

Henry ainda olhou para trás e Marie agora tinha uma coroa de estrelas que brilhava em sua cabeça e ainda pisava na cabeça da serpente.

Ele sorriu, estava feliz de novo, e seu filho Pierre se juntou a ele e chorando lágrimas verdadeiras lhe pediu perdão humildemente. Ele colocou a mão no coração do filho e juntando seu pedido de perdão ao dele chorou também a Deus para que lhe perdoasse e assim todos que ele algum dia havia feito algum mal.

Mais seis dias se passaram até que a lenta marcha da caravana chegou às portas da Cidade Santa. Ele pegou sua espada e bateu três vezes com a empunhadura de madeira na pesada porta ornamentada.

A porta se abriu e na sua frente estava um Serafim e suas asas lhe guardando a entrada.

Henry olhava o anjo buscando dentro de si o sentimento que se formou e ele não sabia qual era. Quando olhou em sua volta estava só, era somente ele e o anjo, nem Gentil, nem Angelique, nem seus cavaleiros, filhos, filha, ninguém ao seu lado, a caravana havia sumido e ele estava completamente só.

O Serafim então falou em sua língua:

- Irmão para entrar na Cidade Santa é necessário possuir a Verdade como sentimento no coração e o Amor realizador nos calos das mãos.

Henry lembrou então de Al Hallaj e levantou sua mão direita mostrando ao Serafim a joia do Senhor como prova e o Serafim ao vê-la subiu para escolta-los.

A caravana entrava na Cidade Santa.

FIM